

Haveria uma dimensão filosófica nos textos de Contardo Calligaris?

PEDRO HENRIQUE PASSOS CARNÉ*

Psicanalista e Filósofo?

O falecimento de Contardo Calligaris foi noticiado por alguns jornais italianos (*La Sicilia* e *Il Tempo*, por exemplo) com uma manchete intrigante, que anunciava a morte do “filósofo e psicanalista Contardo Calligaris”. Ninguém duvidaria da atuação psicanalítica de Calligaris. Naturalmente, não por ele ter sido vinculado à Escola Freudiana de Paris ou por ter sido membro fundador da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, mas em função de seus mais de quarenta anos de atuação terapêutica. No entanto, de que maneira podemos compreender sua atuação como *filósofo*?

Para preservarmos o mesmo critério, não bastaria dizermos que ele é filósofo em função de ter se formado em Letras e Filosofia pela Universidade de Genebra. Parece-me que, para compreendermos a possível atuação de Calligaris como filósofo, precisamos frequentar atenta e pacientemente seus textos, com o objetivo de neles identificar a presença ou a ausência de elementos filosóficos. É um fato, porém, que seus escritos se ramificam de forma imprevista, constituindo-se como um verdadeiro enigma para quem deseje estudá-los. Assim, inicialmente, tentaremos reconstituir sua trajetória bibliográfica, para, na sequência, discutirmos brevemente a questão que orienta esta pesquisa.

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor do Magistério Superior na Unidade Acadêmica de Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande (UACS/UFCG).

Uma escrita que resiste à domesticação

Os escritos de Calligaris parecem resistir a qualquer forma de domesticação, haja vista a pluralidade de gêneros, línguas e países nos quais podemos encontrá-los.

Inicialmente, temos diante de nós uma obra ficcional, cujos exemplares seriam os romances *Conto do Amor* (2008) e *A Mulher de Vermelho e Branco* (2011), a peça teatral *O Homem da Tarja Preta* (2009) e o seriado de televisão *Psi* (exibido pela HBO entre 2014 e 2019, com quatro temporadas). Em certa medida, a série televisiva *Psi* consiste em um desdobramento dos romances anteriores, uma vez que nos deparamos com novas aventuras de seu protagonista, Carlo Antonini. Se, no romance *Conto do Amor*, Carlo Antonini dedica-se a investigar um enigma que lhe foi legado por seu pai; e se, em *A Mulher de Vermelho e Branco*, o mesmo personagem dedica-se aos enigmas de duas mulheres (Luz/Woody e LeeLee), movimentando-se entre Nova Iorque, São Paulo e Paris; assistimos, na série *Psi*, ao estabelecimento de Carlo Antonini em São Paulo, acompanhando o desenvolvimento de seu trabalho terapêutico diante dos mais variados sofrimentos psíquicos manifestados por um conjunto bastante heterogêneo de personagens.

Em segundo lugar, encontramos uma vasta obra de natureza teórica, cujos exemplares atravessam línguas e áreas de pesquisa distintas. Por exemplo, os livros *Ítalo Calvino* (1973), *Il quadro e la cornice (Courbet, Manet, Degas, Magritte, Duchamp: per una critica della rappresentazione)* (1975) foram originalmente publicados em italiano; os livros *Hypothèse sur le fantasme* (1982) e a tese de doutorado *Recherche sur la perversion comme pathologie sociale: la passion de l'instrumentalité* (1993) foram originalmente publicados em francês;¹ os livros *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses* (1989), *Hello, Brasil!* (1991), *Adolescência* (2000), *Cartas a um jovem terapeuta* (2004), *O*

1. A tese de doutorado de Calligaris foi publicada postumamente em língua portuguesa com o título de *O Grupo e o Mal: estudo sobre a perversão social* (2022), com tradução de Jorge Bastos Cruz e edição de Jurandir Freire Costa e Octávio Souza.

Sentido da Vida (2023, póstumo) foram originalmente publicados em português.^{2 3}

Além destes livros, podemos destacar os artigos *Au sujet de la connotation* (1975), *Petite histoire de la psychanalyse en Italie* (1975), *Au sujet du corps analytique* (1976) (escrito com Antoine Compagnon), *Pizzuto pincé par l'écriture* (1976), *Tout Dire* (1978), *Le livre du père* (1978), *O laço social, sua produção e a psicanálise* (1986), *Psicanálise e universidade* (1987) (escrito com Marcel Czermak), *Sur quelques effets de la cure* (1988), *O inconsciente em Lacan* (1989), *A questão da formação do psicanalista: uma história crítica* (1990), *Dívida e Culpa* (1991), *La séduction totalitaire* (1991) (publicado na revista *Cliniques Méditerranéennes* e republicado em língua portuguesa no livro *Clínica do Social* – ou vice-versa), *Brésil, pays du futur de qui?* (1992), *La structure psychotique hors crise. Question préliminaire* (1993), *Sociedade e indivíduo* (1993), *Deus sob medida* (1994), *O Grande Casamenteiro* (1994), *Três conselhos para a educação das crianças* (1994), *A televisão pode ameaçar o cinema, mas a projeção continua* (1994), *Elogio da cidade* (1994), *Culturalismo e Psicanálise* (1996), *Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos* (1998), *A psicanálise e o sujeito colonial* (1999), *Livros* (2003) e *Vinte anos depois* (2010). Naturalmente, muitos outros artigos devem ter escapado à minha pesquisa.⁴ É perceptível, porém, que estamos diante de um conjunto de textos que atravessam a crítica literária, a epistemologia, a psicologia, a psicanálise e os estudos culturais.

2. Tanto o livro *Hello, Brasil!* quanto o livro *Cartas a um jovem terapeuta* foram reeditados no Brasil com importantes acréscimos. *Hello, Brasil!* recebeu um novo e importante prefácio em sua mais recente edição, ao passo que *Cartas ao jovem terapeuta* teve seu interior ampliado com a redação de novas cartas. Já o livro sobre a clínica diferencial das psicoses foi traduzido para a língua francesa (1991) e para a língua japonesa (2008).

3. É importante fazer menção aos livros *Coisa de Menina* (2019) e *Coisa de Menino* (póstumo, 2025), publicados em co-autoria com Maria Homem, estruturados sob a forma de diálogo.

4. Registro meus agradecimentos a duas pessoas pelo auxílio na organização desse mapa bibliográfico: o professor Antoine Compagnon, amigo de Calligaris desde a década de 70, que generosamente me ajudou a encontrar alguns dos artigos mais antigos de Calligaris; e Maria Furtado, que compartilhou comigo não apenas alguns dos livros mais antigos de Calligaris, como também a tradução para a língua japonesa da obra *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*.

Em uma terceira dimensão, costurando as elaborações teóricas com a complexidade do mundo que lhe era contemporâneo, encontramos uma obra de natureza jornalística, com textos publicados em italiano, inglês, francês e português nos mais variados jornais, pelo menos, desde a década de 1970, dentre os quais poderíamos destacar sua ininterrupta atuação como colunista semanal da *Folha de São Paulo* entre os anos de 1999 e 2021 (além da *Folha de São Paulo*, conseguimos rastrear a atuação de Contardo Calligaris nos veículos *Utopia* (*saggi sull'epistemologia delle scienze sociali*), *Il piccolo Hans* (*saggi di teoria dell'avanguardia e di politica*), *Passages* e *New York Newsday*).⁵ Esta atuação, em particular, deu origem às coletâneas *Crônicas do Individualismo Cotidiano* (1996), *Terra de Ninguém* (2004), *Quinta-coluna* (2008), *Todos os Reis Estão Nus* (2013) e *Aproveitar a vida e suas dores* (2025).⁶

Não seria de pouca importância acrescentar a este vasto conjunto de trabalhos sua atuação como tradutor de romances policiais do inglês para o italiano. Ainda que minha pesquisa não tenha conseguido rastrear nenhum título que pudesse ser aqui apresentado, Calligaris faz menção a esta atividade em um variado número de palestras e entrevistas – e, de maneira mais destacada, no livro *Cartas a um jovem terapeuta*, no momento em que discute o valor da formação psicoterapêutica –,⁷ de

5. É fundamental fazer referência à tese de doutorado de Lilian Veronese intitulada *Contardo Calligaris às quintas-feiras: uma análise da difusão das ideias psicanalíticas na cultura*, desenvolvida junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob a orientação de Julio Groppa Aquino, que nos apresenta um catálogo de todas as crônicas publicadas por Calligaris durante este período (1999-2021). Além de sua tese, Veronese e Aquino publicaram recentemente o artigo “Contardo Calligaris educador: apontamentos sobre o teor educacionalizante da circulação de ideias psicanalíticas no Brasil”, bem como à dissertação de mestrado de Lara Bastos Campos intitulada *Discurso, intelectuais e poder: os psicanalistas e suas projeções imaginárias em colunas de jornais (1980-1998)*, desenvolvida junto à Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação de Wedencley Alves Santana, da qual podemos extrair um catálogo das crônicas publicadas por Calligaris nos jornais brasileiros desde sua chegada ao Brasil.

6. Conseguimos rastrear a existência do texto “I briganti e le canaglie: programma sociale de posizione perversa”, publicado por Calligaris no número 8 (Out/Dez de 1975) do periódico *Il Piccolo Hans*, e do texto “Vuoto delle piazze e purezza dei cuori” (1974), escrito por Contardo Calligaris em conjunto com Sergio Finzi, Virginia Finzi Ghisi e Ermanno Krumm, no jornal *Il Manifesto*.

7. Nas *Cartas a um jovem terapeuta*, Calligaris afirma que: “justamente, quanto custou minha formação? Antes da faculdade, eu me sustentava com dificuldade: sonhava em ser es-

modo que tal atuação não poderia estar ausente de semelhante constelação literária.^{8 9}

Também é matéria de interesse destacar a existência dos mais variados manuscritos e cópias informais de textos escritos por Contardo Calligaris. Por exemplo, no artigo *Não mais, não ainda: a palavra na democracia e na psicanálise*, Jurandir Freire Costa faz referência ao exemplar fotocopiado da conferência *Bem-Estar na Civilização: a perversão como laço social*, proferida por Contardo Calligaris na *Reunião Lacano-Americana de Psicanálise* ocorrida na cidade de Gramado no ano de 1988, Eliana dos Reis Betancourt, por sua vez, em seu livro *Prostituição: o eterno feminino* (2006), faz referência à duas desgravações de seminários conduzidos por Contardo Calligaris: “Sexualidade Feminina” (realizado em 1987, na Cooperativa Cultural Jacques Lacan (Porto Alegre) e “Psicologia Masculina” (realizado em 1988, na UFRGS (Porto Alegre). Em correspondência pessoal, Christian Dunker sinalizou para a existência de fotocópias dos textos correspondentes a um seminário conduzido por Calligaris na cidade de Salvador no ano de 1986. Também poderíamos destacar, nesse mesmo horizonte, as muitas palestras de Calligaris disponibilizadas por intermédio de gravações de vídeo no *Youtube*.¹⁰

critor e fotógrafo, traduzia romances policiais do inglês para o italiano e tentava vender minhas fotografias” (CALLIGARIS, 2019). Já em uma entrevista concedida a Tiago Sanches Nogueira, ele afirma que “Duas tentativas de profissões que eram, sem dúvida, muito diferentes da psicanálise, e que ambas eram criativas. Eu queria ser romancista e queria ser fotógrafo muito cedo. Acabei vivendo das duas profissões durante um certo tempo, porque eu fui fotógrafo, mas na verdade passava as noites imprimindo fotografia de imprensa para a agência nacional de imprensa italiana, e os dias traduzindo os romances policiais do inglês e do americano, mais exatamente, para o italiano. Era uma maneira de escrever de alguma forma” (NOGUEIRA, 2016, p. 156).

8. Agradeço à disponibilidade de Stefano Boscolo pelas pesquisas na *Biblioteca Nazionale Braidense*, em Milão, ainda que tais pesquisas não tenham frutificado.

9. Apesar de não ter encontrado nenhum romance policial traduzido por Calligaris, consegui rastrear um trabalho de tradução desenvolvido por ele em 1974, seja este a tradução de *Tel Quel: un'avanguardia per il materialismo*, escrito por Monique Charvet e Ermanno Krumm.

10. Por exemplo, podem ser mencionadas as palestras “Viver juntos”, proferida no 3º Fórum de Sustentabilidade do TRT-PR, “As inevitáveis questões morais na psicoterapia”, proferida no Instituto Sedes Sapientiae, “Violências Ocultas”, proferida em um evento promovido pelo SESC, “O mal-estar no amor e na sexualidade no mundo contemporâneo”, proferida no Centro Cultural Oscar Niemeyer, bem como as muitas palestras proferidas

Pois bem, diante desta prolífica e selvagem atuação literária, o que podemos fazer? Como disse anteriormente, parece-me que para investigarmos a possível atuação filosófica de Calligaris seria importante frequentar seus textos de forma atenta e paciente, com o objetivo de neles identificar a presença de algum componente filosófico. Particularmente, acredito que o conjunto de crônicas publicado durante os vinte e três anos de atuação ininterrupta na *Folha de São Paulo* nos oferecem um valioso material para mergulharmos em semelhante pesquisa. Afinal, além de estes textos terem sido escritos semanalmente ao longo de seus últimos anos, ou seja, serem seus textos mais maduros, a forma literária das crônicas possibilita a conexão entre a biografia, a formação teórica e a vida sociocultural na qual o indivíduo encontra-se inserido. Em outras palavras, o exercício semanal da crônica revela-nos um indivíduo que não cansa de se colocar em movimento e de perquirir os fundamentos de seu próprio pensamento.

O Sócrates de Calligaris

O espaço socrático

Christopher Taylor, em sua obra introdutória à figura de Sócrates, afirma que cada época deve recriar seu Sócrates. Isso porque Sócrates constituiu-se como o exemplar mais bem delineado dos ideais de integridade moral e intelectual do mundo ocidental, configurando-se como uma figura que desafia, encoraja e inspira qualquer um que esteja disposto a reavaliar incessantemente suas próprias posturas e ideias, sem fazer com que tal exercício desdobre-se em uma autoanálise paralisante (Cf. TAYLOR, 1998). Não sei se Calligaris fez contato com a obra de Taylor, mas tenho por hipótese que, ao acompanharmos seus escritos, é possível afirmar que ele recriou a figura de Sócrates em seus próprios termos.

no Café Filosófico promovido pelo Instituto CPFL (“A jornada masculina”, “Depressão e sentido”, “O corpo masculino”, “Sexo virtual” dentre outras) e as três entrevistas concedidas no programa Roda Viva, da TV Cultura (em 2008, 2010 e 2017).

Em uma crônica intitulada *Sócrates e eu*, Calligaris nos apresenta a figura de Sócrates como a de um indivíduo que inventou uma maneira de pensar que nem defendia a tradição nem se dedicava à defesa apaixonada de uma opinião. Em suas palavras: “entre quem invoca algum deus e quem grita (ou “escreve”) mais alto e ganha mais “likes”, resta um espaço exíguo para argumentar e procurar, aos poucos, algum fragmento de verdade. É nesse espaço que Sócrates se movimentava. É o espaço onde eu gostaria de morar” (CALLIGARIS, 2015). Vejamos um pouco melhor as características deste *espaço socrático*. Um espaço que, nos termos de Calligaris, poderia ser chamado de “terra de ninguém”.

Para Calligaris, a terra de ninguém é um estado de espírito que nos ajuda a evitar as identificações coletivas que nos seduzem cotidianamente com suas facilidades. Convencido, desde muito jovem, de que o grupo constitui a fonte do mal, Calligaris julga que, na terra de ninguém em que ele gostaria de habitar (e na qual Sócrates se movimentava), “pensar significa circular entre ideias, usando, como meio de transporte, as adversativas que cada ideia levanta” (CALLIGARIS, 2004, p. 14), ao invés de hastear uma bandeira e identificar-se com uma única ideia, seja ela qual for. O espaço socrático, rebatizado como terra de ninguém, manifestaria a existência de uma brecha que nos permitiria respirar um ar mais livre.

Ao pretender habitar uma terra de ninguém e movimentar-se com o auxílio das adversativas suscitadas por todas as ideias, Calligaris procura colocar-se numa posição que esteja para além das *meras* concordância e discordância. Para explicar-nos que posição seria essa, ele lança mão da noção de “quinta-coluna”. Em seus termos: “se não gosto nem de concordar nem de discordar, o que sobra? Sobra gostar da quinta-coluna de cada um. Sobra fazer apelo aos pensamentos ou aos sentimentos que minam a nossa coerência, que estão em nós como infiltrados ou rebeldes sonolentos” (CALLIGARIS, 2008, p. 11). Com qual objetivo? Com o objetivo de “suscitar e manter dúvidas e conflitos internos, em mim e no outro” (CALLIGARIS, 2008, p. 11). Calligaris, aqui, segue uma ideia de Oscar Wilde, para quem a consistência (ou coerência) seria o último refúgio dos carentes de imaginação (Cf. WILDE, 1995, p. 52). Vejamos um pouco melhor.

Quinta-coluna se refere ao conjunto de indivíduos que, no interior de uma cidade sitiada, seriam aliados do exército invasor. De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a expressão *quinta-coluna* possuiria como origem a guerra civil espanhola, indicando a comunidade de madrilênos que, por partilharem das ideias do general Franco, estavam dispostos a solapar as defesas da Madri com o objetivo de facilitar a invasão franquista. Ou seja, além das quatro colunas militares que marchavam para Madri a partir dos quatro pontos cardeais, haveria uma quinta coluna no interior da cidade. Calligaris sugere que a popularidade desta expressão talvez se deva ao fato de ela comparecer como o título da única peça de teatro escrita por Ernest Hemingway, mas que o sentido desta expressão pode ser radicalmente ampliado. Ele nos diz que:

A ideia (ou a esperança) de que haja aliados prestes a nos ajudar dentro de uma praça-forte na qual queremos penetrar é uma suposição habitual no trabalho de um psicanalista ou de um psicoterapeuta. O termo de aliança terapêutica um pouco antiquado e caído injustamente em desuso não fala de outra coisa: mesmo no lugar mais defendido, mais aparentemente hostil a qualquer intervenção e projeto de mudança, deve existir uma quinta-coluna adormecida — algo, um pensamento, uma lembrança, um afeto que é possível despertar e com o qual o terapeuta pode contar para mudar as coisas (CALLIGARIS, 2008, p. 10).

É interessante como o jogo de espelhos envolvido na elaboração de um retrato para Sócrates devolve-nos uma imagem de Calligaris como um quinta-colunista que deseja (mais do que tudo) habitar uma terra de ninguém. Diante do fato de que a figura e as ideias de Sócrates (nomeadamente em sua versão platônica) comparecem em alguns outros textos, vejamos se elas nos permitem aprofundar a dimensão filosófica de Calligaris.

A importância da vida examinada

Na crônica *A família e a escola*, Calligaris nos fala novamente do filósofo ateniense. Na verdade, ele nos conta que seu professor de história da filosofia no colégio foi capaz de desenvolver uma reflexão coletiva que durou sema-

nas a partir da famosa frase da *Apologia de Sócrates*, de Platão, segundo a qual uma vida não examinada não vale a pena ser vivida. A partir desta recordação, Calligaris afirma: “o que entendo, anos depois, sobre alienação ainda vem do debate daquelas aulas de 55 anos atrás.”¹¹ (CALLIGARIS, 2018). Por ocasião de uma palestra oferecida no Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo, Calligaris retoma a mesma frase socrática, interpretando-a de maneira ligeiramente diferente. Ele nos diz: “Uma vida vale a pena ser contada a partir da sua intensidade, ou seja, é a vida, como diria Sócrates, é uma vida examinada. Uma vida examinada é a única que tem a intensidade suficiente para ser contada.” (CALLIGARIS, 2022). E, por fim, no prefácio à nova edição de *Hello Brasil*, Calligaris refere-se novamente à mesma frase para qualificar as reflexões desenvolvidas nesse livro em relação ao seu próprio processo psicanalítico. Ele escreve:

“Uma vida não examinada (ou seja, uma vida que não reflita sobre ela mesma) não vale a pena ser vivida” uma famosa frase que Platão coloca na boca de Sócrates. Pois bem, *Hello, Brasil!* foi o primeiro momento da continuação de minha análise (pela escrita) depois de minha chegada ao Brasil – o que supõe duas coisas:

1. que é possível, se não fazer, no mínimo continuar nossa análise por escrito, ou melhor, escrevendo;
2. que uma mudança de língua, cultura e país é uma excelente razão para retomar a análise. Já disse que mudar de língua e país pode ser um jeito, não de se curar, mas de mudar de neurose. Suspeito que viajei muito ao longo da vida, não na esperança de me curar, mas para fugir da mesmice de uma neurose só. (CALLIGARIS, 2021, p. 27).

Antes de analisarmos alguns dos conceitos que foram justapostos à reflexão de Sócrates (*alienação, intensidade, viagens e escrita*), seria importante introduzir este incontornável texto de Platão.

11. Apesar de a antiguidade não tratar do tema da “alienação”, muitos filósofos antigos apresentam-nos teorias sobre a estranheza que um indivíduo pode experimentar em relação a si mesmo. Em Platão, por exemplo, a alma encarnada encontra-se exilada de sua natureza racional e vive na ilusão, ao passo que, para os estoicos, tal estranhamento se enraizaria em uma espécie de servidão interior nascida do mau julgamento, da submissão às paixões e do apego aos bens exteriores (Cf. LEOPOLD, 2022; COLOTTE, 2025).

A Apologia de Sócrates, de Platão

O julgamento de Sócrates, ocorrido em 399 a.C., constitui um dos momentos mais comoventes da história do pensamento grego antigo. Sabemos, por diversos testemunhos, que Sócrates foi processado, julgado e condenado ao suicídio pela cidade de Atenas. A *Apologia de Sócrates*, de Platão, configura-se como uma recriação dramática do discurso que Sócrates proferira em sua defesa diante dos jurados. O texto de Platão apresenta-nos três seções: a defesa, a definição da pena e, por fim, a condenação final.

Em um primeiro momento, somos apresentados ao discurso de Sócrates em sua defesa, contra as acusações que lhe foram imputadas, sejam elas as de ateísmo, impiedade perante os deuses e corrupção da juventude. As acusações de ateísmo e de impiedade são refutadas por Sócrates com diversos argumentos, dentre eles a tese segundo a qual o próprio exercício filosófico constituía-se como um serviço religioso (Sócrates afirma que teria iniciado sua investigação com o objetivo de melhor compreender o oráculo pronunciado pela sacerdotisa de Delfos, de que ele era o homem mais sábio de Atenas). Ou seja, se o exercício filosófico se constituía como um exercício religioso, ele, Sócrates, não poderia ser acusado de impiedade perante os deuses, muito menos de ateísmo. Já em relação à acusação de corrupção da juventude, Sócrates sugere, dentre outras coisas, a realização de uma aca-reação junto aos jovens que frequentavam sua companhia e que se encontravam presentes no tribunal. Afinal, se ele, Sócrates, corrompia a juventude, nada melhor do que o testemunho desses jovens (ou de seus familiares) atestando a existência de semelhante comportamento.

Após o seu discurso, as acusações efetuadas contra Sócrates são confirmadas pelos jurados, de modo que seria fundamental decidir a natureza da pena a ser cumprida pelo filósofo. Os acusadores reclamaram a pena de morte, mas Sócrates poderia convencer os jurados de alguma pena alternativa. Sócrates, assim, efetua um novo discurso, em defesa de uma pena alternativa, mas, assim como o discurso apresentado em sua defesa, esse discurso também malogra. Na sequência, então, a condenação final – a pena de morte – é determinada pelos jurados, fazendo com que Sócrates nos ofereça um discurso no qual são tecidas algumas reflexões sobre a natureza

do processo que foi movimentado contra ele. A frase mencionada repetidas vezes por Calligaris encontra-se na seção em que Sócrates argumenta por uma pena alternativa à pena de morte que havia sido solicitada pelos seus acusadores.

Ao ser instado a sugerir uma pena alternativa à pena capital, Sócrates argumenta que, diante do fato de ele não se considerar culpado pelas acusações que lhe foram imputadas, ele não se sente à vontade para sugerir uma pena que lhe faria mal (como, por exemplo, uma multa ou o exílio). Ele julga, então, que deveria sugerir a pena *merecida* a partir de uma avaliação dos serviços filosóficos por ele prestados à cidade de Atenas. Sócrates, assim, argumenta que sua atividade filosófica deveria ser recompensada com o oferecimento de refeições gratuitas no Pritaneu, sob a responsabilidade da cidade. Afinal, a intensidade de seu exercício filosófico tornava a cidade de Atenas uma cidade melhor, ao mesmo tempo em que lhe retirava qualquer possibilidade de se dedicar aos seus assuntos privados. Ou seja, se Sócrates dedicava sua vida à filosofia em prol da cidade de Atenas, nada mais justo do que ela, a cidade, arcar com suas refeições, uma vez que a cidade oferecia refeições aos atletas que se destacavam nos Jogos Olímpicos e, pensa Sócrates, os bens promovidos pela atividade filosófica superam de maneira incomensurável a fama de tais atletas. Naturalmente, o argumento de Sócrates não é bem-visto pelos jurados. Mas ele não para por aí.

Sócrates complementa seu argumento assinalando que, para ele, era impossível viver sem filosofar (e conduzir-se “sossegadamente”, como “solicitavam” os jurados). E isso por duas razões: por um lado, abandonar o exercício filosófico seria um desrespeito ao comando de Apolo, pois ele afirma ter iniciado sua atividade filosófica para verificar se o oráculo proferido pela pitonisa de Delfos a Querefonte – segundo o qual ele, Sócrates, seria o indivíduo mais sábio de Atenas – se mostraria verdadeiro; por outro lado, ele nos diz que o maior bem possível para o ser humano consiste em examinar-se a si mesmo e aos outros, de modo que “a vida sem inspeção (*ανεξέταστος*) não vale a pena ser vivida pelo homem” (PLATÃO, 2022, p. 38). Pois bem, como Calligaris compreende essa “inspeção” cuja ausência empalideceria a vida? Acredito que é no desenvolvimento dessa questão que poderemos encontrar a dimensão filosófica do pensamento de Calligaris.

O socratismo de Contardo Calligaris

Em um artigo intitulado *Verdades de autobiografias e diários íntimos*, Calligaris afirma que “narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Ou debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade” (CALLIGARIS, 1998, p. 49). A importância da narração, como uma espécie de antídoto para a alienação, será retomada com a sugestão do conceito de “estilo da vida”.

Calligaris traça uma distinção entre as noções de “estilo de vida” e “estilo da vida”. Para ele, enquanto o “estilo de vida” indicaria um modelo que imitamos com o objetivo de traçar os contornos de uma identidade que proporíamos aos olhos dos outros, o “estilo da vida” seria uma outra coisa, seria “a forma literária na qual cada um narra a sua própria vida, para si mesmo e para os outros” (CALLIGARIS, 2011a), numa espécie de incessante exame narrativo. Para Calligaris, essa noção vem acompanhada de uma hipótese psicanalítica e de uma observação ética, pois, no mesmo texto, ele também escreve:

Cada um de nós parece estar sempre numa condição meteorológica que lhe é própria e não depende nem da estação nem dos acontecimentos do momento. Esse clima privado, como um pano de fundo que nos seria imposto, é uma consequência quase inevitável dos primórdios de nossa vida e das bênçãos ou maldições murmuradas ao redor de nosso berço. Talvez sejamos um pouco mais livres para escolher o estilo da vida que levaremos, seja qual for nosso pano de fundo (CALLIGARIS, 2011a).

Ou seja, apesar de, aparentemente, não sermos capazes de decidir nossa imanente condição meteorológica, talvez sejamos livres para decidir a maneira como narraremos a vida que vivemos, desde que a submetamos a um exame narrativo incessante. É desnecessário dizer que tanto a experiência da alienação quanto o estilo da vida são dimensões irreduzivelmente íntimas de cada um: ambas as noções apenas nos auxiliariam a iniciar uma abordagem dos dramas existenciais e problemas morais inerentes à condição humana.

Uma outra volta na pergunta anteriormente sugerida diz respeito à relação com a noção de “intensidade”, isto é, na avaliação do vigor de nossa

vida. Nos textos de Calligaris, a noção de “intensidade” relaciona-se particularmente com a de “vida interessante”. Afinal, Calligaris afirma que uma vida interessante é “uma vida em que você se autoriza a viver intensamente. Autoriza-se a viver com toda a intensidade que todos os momentos da nossa vida merecem” (CALLIGARIS, 2023b, p. 36). A noção de “vida interessante”, com efeito, comparece em um sem número de crônicas e livros. Mas como *autorizar-se*? Autorizar-se *ao quê*? E *por quê*?

Na crônica *Ratatouille e o desejo*, por exemplo, Calligaris escreve que o filme *Ratatouille* poderia ser prescrito como um antídoto para o enfraquecimento de nossos desejos. Afinal, o protagonista do filme, Remy, é um rato que deseja tornar-se cozinheiro a despeito de tudo e de todos (inclusive de sua própria condição, afinal, a imagem de um rato cozinhando causa-nos, para dizer o mínimo, bastante estranheza). E Remy não deseja tornar-se cozinheiro pela glória ou pelas riquezas: ele deseja tornar-se cozinheiro “porque cozinhar, para ele, significa dedicar-se ao que ele sabe fazer, realizar quem ele é” (CALLIGARIS, 2007). Calligaris pensa que “o filme é uma homenagem à coragem de quem se autoriza a procurar a vida que ele quer. A história de Remy não inspira devaneios de glória culinária. Se o filme nos faz sonhar, é com a galhardia de quem não larga o osso (o queijo, no caso) de seu desejo” (CALLIGARIS, 2007). Encontramos aqui uma chave para compreender a “intensidade” sobre a qual nos falava Calligaris a partir da sentença socrática, pois, talvez, o exame incessante de nossas vidas possa ser compreendido como o instrumento que nos permitiria dedicarmo-nos aos nossos desejos. Em outras palavras: realizarmos aquilo que imaginamos ser.

É importante, porém, não confundir essa compreensão da “intensidade” com a descoberta de alguma “essência” que fundamentalmente nos constituiria e que nos determinaria a ser de uma única maneira. Aliás, Calligaris escreve que:

- 1) Nada torna a vida interessante tanto quanto a descoberta de nossa própria complexidade; 2) Talvez a função mor da cultura seja a de nos dar acesso a partes de nosso âmago que normalmente escondemos de nós mesmos; 3) Conclusão: se conseguimos viver

plenamente, é graças a autores, atores, intérpretes etc. que nos revelam nosso próprio lado B (e C e D) (CALLIGARIS, 2011).

A relação de Calligaris com a escrita ficcional nos ajuda a sublinhar semelhante diferença.

Quando da publicação do romance *O Conto do Amor*, Calligaris nos conta em diversas entrevistas que, aos nove anos, enviou um pequeno conto para a revista *Corriere dei Piccoli*, mas que este conto teve sua publicação recusada pela revista. Esta rejeição, porém, não diminuiu em nada sua vontade de se tornar um ficcionista (ele inclusive enfatiza que este desejo, tornar-se um ficcionista, constitui o mais antigo desejo do qual ele teria consciência). Em entrevista a Iara Machado Pinheiro, Calligaris afirma que escreveu um livro de ficção em italiano aos 18 anos, antes de ingressar na universidade – “eu queria escrever, não queria ir para a faculdade” (PINHEIRO, 2019) –, mas que, embora o manuscrito ainda exista, ele nunca foi publicado.¹² De modo que, poderíamos pensar, somente aos sessenta anos, com a publicação de *O Conto do Amor*, Calligaris teria realizado seu “desejo infantil”, teria realizado sua “essência”.

No entanto, em uma crônica intitulada “Volta da Flip”, Calligaris nos diz que

Quando sou levado a falar de como me tornei romancista, acabo contando que escrever histórias era tudo o que queria desde os nove anos de idade, mas desisti aos 20, para me conformar à expectativa familiar de que eu fosse para a faculdade. Essa história é verídica e parece ser mesmo uma história de renúncia ou de desistência. Mas será que é isso mesmo? Será que a gente desiste

12. Em correspondência pessoal, Antoine Compagnon sugere que talvez ainda possua o manuscrito de um tratado crítico à linguística de Ferdinand de Saussure em que ele e Contardo Calligaris trabalharam durante a década de 1970. Calligaris nos dá notícia desse trabalho na crônica “Valeu a pena?": “Antoine e eu, numa época (1974 ou 1975), projetamos um livro a quatro mãos contra a linguística de Ferdinand de Saussure, que, ao nosso ver, era uma simplificação quase cômica do funcionamento da linguagem (uma catástrofe para o estruturalismo francês). Passamos um verão trabalhando nisso, mas, no fim, cada um foi pelo seu caminho. Eu enveredei pelo exercício da psicanálise, e ele enveredou por seus autores preferidos (Montaigne, Proust) e para um ensaísmo frequentemente genial” (CALLIGARIS, 2020).

e renuncia? É possível. Mas a renúncia e a desistência são, antes de mais nada, jeitos melodramáticos de contar nossa história de modo a mantermos a ilusão confortável de que temos uma essência e somos definidos por desejos fundamentais — que (obviamente) não deveríamos trair (CALLIGARIS, 2011b).

Ou seja, a intensidade da qual nos fala Calligaris não consistiria na realização de uma essência, mas na modulação de nossa ação desejante (independentemente de seu objeto, isto é, não importa o objeto de desejo, mas o vigor com o qual se deseja). Em seus termos, “a vida comporta poucas traições radicais de nós mesmos e de nossos desejos, e muitas soluções negociadas, espúrias, pelas quais a gente busca conciliar desejos diferentes com acasos, oportunidades e outros acidentes, reinventando-se a cada dia”. (CALLIGARIS, 2011b).

É perceptível que o Sócrates de Calligaris relaciona-se intimamente com muitas teorias psicanalíticas. E seria difícil pedir que fosse diferente. De acordo com Louis-André Dorion,

Tudo leva a crer que nem Xenofonte nem Platão conceberam o projeto de expor fielmente o pensamento de Sócrates. Os escritos socráticos deles resultam de um gênero literário, o *logos sokráticos*, que é explicitamente reconhecido por Aristóteles (*Poética*, I, 1447a28; *Retórica*, III, 16, 1417a18) e que autoriza, em virtude de sua natureza, uma grande liberdade de invenção, tanto no que se refere à encenação como quanto ao conteúdo, a saber, as ideias expressas pelos diferentes personagens (DORION, 2011, p. 22).

Em outras palavras, é possível inscrever Calligaris na longa tradição dos discursos socráticos, na medida em que ele reinventa a figura de Sócrates à luz das questões contemporâneas com grande liberdade de invenção. E, se no final, o Sócrates de Calligaris soa psicanalítico, que mal haveria? Não é como se possuíssemos um modelo socrático “original” com o qual estivéssemos medindo cada uma das muitas interpretações que já foram feitas.

A ponte e o arco

Encerrar o nosso estudo dessa maneira pode sugerir que a escrita ficcional constituiria uma espécie de *finalidade* para a pesquisa pela dimensão filosófica dos textos de Calligaris. Como se tivéssemos encontrado *a* chave para decifrar a pergunta que inicialmente foi elaborada.

Elegemos, ao longo desse texto, as crônicas de Calligaris como um espaço privilegiado para a caracterização de uma dimensão filosófica em seus escritos. Mas deveríamos excluir desse processo uma leitura mais detalhada de seus outros escritos?

O primeiro livro publicado por Calligaris, com efeito, intitula-se *Ítalo Calvino*. Nele, Calligaris dedica-se a analisar toda a obra ficcional de Calvino publicada até aquele momento (cujo último exemplar consistia no livro há pouco citado – *As Cidades Invisíveis*), dentro dos limites possíveis para uma crítica sociológica formal. Seu objetivo era o de investigar as tensões que existiriam entre os elementos formais da obra de Calvino e seu contexto histórico, a fim de averiguar de que forma a decisão por determinada estrutura narrativa por parte de Calvino manifestaria uma relação na qual o sujeito histórico se situaria dialeticamente diante da história (o conto de fadas como uma aceitação, a alegoria como revolta etc.). Calligaris acredita ter indicado com sua pesquisa a “unidade (oculta) da obra [de Calvino]: o desejo de reanimar o sujeito histórico e de persuadi-lo a confrontar-se com a história. E trata-se de uma unidade de propósito que se manifesta na fundação de estilos, na invenção de formas” (CALLIGARIS, 1973, p. 109). Afinal, recorda Calligaris, Calvino afirmara no seu artigo “O destino do romance” que “a narrativa, quando se ocupa de contar tem já a sua ocupação, e a sua moral, e o seu modo de incidir no mundo” (CALVINO, 2002b).

Rafael Cariello reproduz, em sua apresentação à coletânea de crônicas *Todos os reis estão nus*, uma reflexão de Calligaris segundo a qual, “em relação à sua obra ficcional, tudo o mais em sua produção intelectual talvez não tenha passado de um longo desvio” (CARIELLO, 2013, p. 15). Como compreender, então, essa relação entre a ficção e seus “desvios”? Como escapar de qualquer determinação acerca de uma obra que resiste a toda forma de domesticação, tal como a obra de Calligaris? Penso que uma boa maneira

de compreendermos a relação entre a ficção e a não ficção de Calligaris encontra-se cifrada no romance *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino:

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
— Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta Kublai Khan.
— A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra — responde Marco —,
mas pela curva do arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:
— Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
Polo responde:
— Sem pedras o arco não existe (CALVINO, 2002a).

A despeito do que Calligaris nos diz sobre seus desejos e sobre sua relação com a escrita ficcional, suas crônicas constituem-se como *uma* das pedras que configuram a curva do arco de sua produção intelectual. Aliás, é ele mesmo quem nos lembra, a partir de suas recordações de Barthes, que “escrever é o jeito de abraçar a experiência, de vivê-la plenamente” (CALLIGARIS, 2011c), desde que escrevamos a partir da singularidade de nossa experiência, sem procurar torná-la uma generalidade que valha para os outros. Desse modo, para caracterizarmos de maneira ainda mais detalhada a dimensão filosófica de seus textos, para além da confecção de um retrato de Sócrates, é fundamental observarmos atenta e pacientemente as outras pedras que compõem semelhante curvatura da obra de Calligaris. Afinal, se, nos termos de Walter Benjamin, “método é caminho indireto, é desvio” (BENJAMIN, 1984, p. 50), podemos sugerir que, para Contardo Calligaris, o desvio é método.

Referências

BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CALLIGARIS, C. *Ítalo Calvino*. Milão: U. Mursia & C, 1973.

_____. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

- _____. *Terra de Ninguém (101 crônicas)*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- _____. “Ratatouille” e o desejo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 87, n. 28.589, Ilustrada, p. E14, 12 jul. 2007.
- _____. *Quinta-coluna (101 crônicas)*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- _____. “Cisne negro”, o carnaval e as mães. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 91, n. 29.926, Ilustrada, p. E14, 10 mar. 2011.
- _____. Estilos da vida. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 91, n. 29.968, Ilustrada, p. E12, 21 abr. 2011a.
- _____. Volta da Flip. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 91, n. 30.052, Ilustrada, p. E13, 14 jul. 2011b.
- _____. Aproveitar a vida e suas dores. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 91, n. 30.129, Ilustrada, p. E12, 29 set. 2011c.
- _____. *Todos os reis estão nus*. Organização Rafael Cariello. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- _____. Sócrates e eu. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 95, n. 31.529, Ilustrada, p. C8, 30 jul. 2015.
- _____. A família e a escola. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 98, n. 32.691, Ilustrada, p. C8, 04 out. 2018.
- _____. Valeu a pena? *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 100, n. 33.356, Ilustrada, p. B11, 30 jul. 2020.
- _____. Hello, Brasil! e outros ensaios: psicanálise da estranha civilização brasileira. São Paulo: Fósforo, 2021.
- _____. Felicidade, uma preocupação desnecessária. In: *O sentido da vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023, p. 18-36.
- CALVINO, Í. *As Cidades Invisíveis* [livro eletrônico]. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.
- _____. *Mondo scritto e mondo non scritto* [livro eletrônico]. Milão: Mondadori, 2002b.
- CAMPOS, I. B. *Discurso, intelectuais e poder: os psicanalistas e suas projeções imaginárias em colunas e entrevistas de jornais (1980-1998)*. 2017. Orientador Wedencley Alves Santana. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- CARIELLO, R. Um colunista para adultos. In: CALLIGARIS, C. *Todos os reis estão nus*. São Paulo: Três Estrelas, 2013. p. 10-16.

COLOTTE, F. L'aliénation. *Alkemie: revue semestrielle de littérature et philosophie*, n. 36 (2), 2025, p. 121-139.

COSTA, J. F. Não mais, não ainda: a palavra na democracia e na psicanálise. *Revista USP*, n. 37, 1998, p. 108-119.

DORION, L.-A. *Compreender Sócrates*. Trad. Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEOPOLD, D. Alienation. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2022 Edition), Edward Zalta & Uri Nodelman (eds.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2022/entries/alienation/>>. Acesso em: 27 fev. 2026.

NOGUEIRA, T. S. Espectador de uma vida: entrevista com Contardo Calligaris. *História Oral*, v. 19, n. 2, p. 155-162, jul./dez. 2016.

PINHEIRO, I. M. A língua que habito: o psicanalista e escritor Contardo Calligaris fala sobre sua relação com a escrita e a literatura. *Rascunho*, São Paulo, SP, 30.nov.2019. Entrevista. Disponível em: <<https://rascunho.com.br/entrevista/a-lingua-que-habito/>>. Acesso em: 27 fev. 2026.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates precedido de Êutifron (Sobre a piedade) e seguido de Críton (Sobre o dever)*. Trad. André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2022.

TAYLOR, C. *Socrates*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

VARANDA, D.; EMYGDIO, A. (apresentadores). Psicanálise: Gelo & Limão? – O Psicanalista (episódio 1). In: *Psicanálise: Gelo & Limão?* Spotify, 30.mar. 2022. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7ElEyK3g6s5rGKclZA-KRUt?si=b73a07cb9b284983>>. Acesso em: 27 fev. 2026.

VERONESE, L. *Contardo Calligaris às quintas-feiras: uma análise da difusão das ideias psicanalíticas na cultura*. 2024. Orientador Júlio Groppa Aquino. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

VERONESE, L.; AQUINO, J. G. Contardo Calligaris educador: apontamentos sobre o teor educacionalizante da circulação de ideias psicanalíticas no Brasil. *Educação e Pesquisa*, v. 52, p. 1-18, 2026.

WILDE, O. *The uncollected Oscar Wilde*. Edited and introduced by John Wyse Jackson. London: Fourth Estate, 1995.

Junho de 2026

Pedro Henrique Passos Carné

pedrohpcarne@gmail.com

João Pessoa - PB - Brasil